



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA
PARAÍBA CAMPUS PATOS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB/IFPB
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LIBRAS**

ELENIRA PEREIRA DA SILVA DINIZ

**A IMPORTÂNCIA DO PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA O
ALUNO SURDO NA ESCOLA REGULAR**

**PATOS - PB
2021**

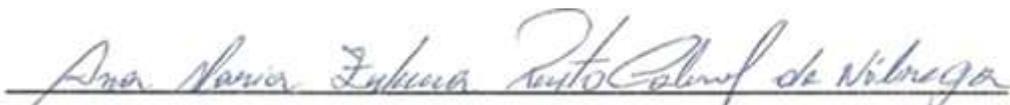
ELENIRA PEREIRA DA SILVA DINIZ

**A IMPORTÂNCIA DO PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA O
ALUNO SURDO NA ESCOLA REGULAR**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Especialização em Libras-EaD do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – Campus Patos, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Libras.

APROVADO EM: 31/05/2021

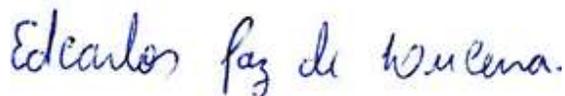
BANCA EXAMINADORA



Profa. Ma. Ana Maria Zulema Pinto Cabral da Nóbrega - Orientadora
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

Documento assinado digitalmente
 Aline de Fatima da Silva Araujo Frutuoso
Data: 03/06/2021 20:55:31-0300
CPF: 079.803.054-26

Profa. Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo Frutuoso - Examinadora
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba



Profa. Esp. Edcarlos Paz de Lucena - Examinador
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

**PATOS - PB
2021**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CAMPUS PATOS/IFPB

D585i Diniz, Elenira Pereira da Silva

A importância do português como segunda língua para o aluno surdo na escola regular/ Elenira Pereira da Silva Diniz. - Patos, 2021.

28 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Libras - EAD) - Instituto Federal da Paraíba, 2021.

Orientadora: Profa. Ma. Ana Maria Zulema Pinto Cabral da Nóbrega

1. Educação bilíngue 2. Escola regular 3. Libras 4. Língua portuguesa como L2 4. Aluno surdo I. Título.

CDU – 376

Sumário

1.	INTRODUÇÃO	6
2.	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	8
2.1.	A EDUCAÇÃO DE SURDOS: UM BREVE PERCURSO HISTÓRICO	8
2.2.	O PAPEL DA LIBRAS PARA APRENDIZAGEM DO PORTUGUÊS COMO L2 PARA O ALUNO SURDO ..	11
2.3.	A EDUCAÇÃO BILÍNGUE E A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DO PORTUGUÊS COMO L2 PARA SURDOS.....	13
3.	METODOLOGIA.....	15
3.1.	OBJETIVOS	15
3.2.	<i>Corpus</i> da pesquisa	15
4.	DISCUSSÃO	20
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	25

RESUMO

A implementação da educação bilíngue para alunos surdos nas escolas regulares é uma tarefa que envolve mudanças de concepção e reorganização no funcionamento e na forma de atendimento ao estudante surdo, por parte de todos que atuam no espaço escolar. Neste sentido, o objetivo geral deste estudo foi discutir a importância do ensino da Língua Portuguesa como segunda língua (L2) para formação do aluno surdo. Estabelecemos como objetivos específicos: conhecer o papel da Libras como língua instrucional para o ensino do Português como L2 para o aluno surdo e identificar a importância do Português como L2 para os surdos no contexto inclusivo das escolas regulares. Para tanto, realizamos uma revisão bibliográfica de estudos que abordam a temática do ensino de Língua Portuguesa como L2 para alunos surdos. Como aporte teórico, nos pautamos na legislação que reconhece a Libras como língua natural dos surdos e os teóricos: Almeida (2015), Carvalho (2019), Nóbrega (2015); Quadros (1997), Ferraz (2011) dentre outros. Os resultados da pesquisa apontam que os surdos enfrentam dificuldades de aprendizagem nas escolas regulares por falta de metodologia do ensino da Língua Portuguesa como L2 e de professores habilitados para o ensino desta língua como L2 para surdos. Os estudos apontam a necessidade de escolas bilíngues para a efetivação da inclusão dos surdos.

Palavras-chave: Educação bilíngue. Escola regular. Libras. Língua Portuguesa como L2. Aluno surdo.

ABSTRACT

The implementation of bilingual education for deaf students in regular schools is a task that involves changes in conception and reorganization in the functioning and in the way in which deaf students are attended to, by everyone who works in the school environment. In this sense, the general objective of this study was to discuss the importance of teaching Portuguese as a second language (L2) for the education of deaf students. We established as specific objectives: to know the role of Libras as an instructional language for teaching Portuguese as L2 for deaf students and to identify the importance of Portuguese as L2 for deaf people in the inclusive context of regular schools. Therefore, we carried out a bibliographical review of studies that address the theme of teaching Portuguese as L2 for deaf students. As a theoretical contribution, we are guided by the legislation that recognizes Libras as a natural language for the deaf and theorists: Almeida (2015), Carvalho (2019), Nóbrega (2015); Quadros (1997), Ferraz (2011) among others. The research results show that deaf people face learning difficulties in regular schools due to a lack of methodology for teaching the Portuguese language as L2 and lack of qualified teachers to teach this language as L2 for the deaf. Studies point to the need for bilingual schools for the effective inclusion of deaf people.

Keywords: Bilingual education. Regular school. Pounds. Portuguese language as L2. Deaf student.

INTRODUÇÃO

A História da Educação de Surdos tem sido marcada pela dicotomia entre grupos de que defendem o uso da língua de sinais no processo educacional dos surdos e os que a rechaçam e defendem o uso da língua oral. No Brasil, até o final da década de 70 predominava a educação de surdos pela abordagem oralista, na qual o ensino ocorria por meio da Língua Portuguesa na modalidade oral (PEREIRA, 2014).

A partir da década de 80, foram surgindo os movimentos culturais, sociais e políticos que tinham como bandeira de luta as mudanças na postura dos profissionais da educação em relação às diferenças e diversidades (ALMEIDA et al., 2015). A participação de ativistas surdos no processo de luta pela garantia de direitos à cidadania se torna mais evidente a partir do ano de 1981 (BRITO 2019). Como desdobramentos dos movimentos sociais, os surdos conquistaram no início dos anos 2000 o reconhecimento legal da Língua Brasileira de Sinais (Libras) por meio da Lei 10.436/2002, regulamentada pelo Decreto 5.626/2005, que garantem aos surdos direitos linguísticos e educacionais, dentre os quais destacamos o inciso segundo do Art. 14 que prevê a oferta do ensino de Libras e da Língua Portuguesa como segunda língua (L2) para alunos surdos.

No entanto, sabemos que a garantia legal de tais direitos não é suficiente para materialização das ações no chão da escola. É por reconhecermos a importância da aprendizagem do Português, na modalidade escrita, como L2 para os surdos que desenvolvemos esse estudo no intuito de discutir a importância do ensino da Língua Portuguesa como L2 para formação do aluno surdo. Quanto aos objetivos específicos, estabelecemos conhecer o papel da Libras como língua instrucional para o ensino do Português como L2 para o aluno surdo e identificar a importância do Português como L2 para os surdos no contexto inclusivo. Considerando as pesquisas realizadas sobre o Português como L2 para surdos, o presente estudo traz o seguinte questionamento como problema: como se dá o ensino da Língua Portuguesa como L2 para alunos surdos na escola regular?

Sendo assim, realizamos um levantamento de estudos que abordam a temática do ensino de Língua Portuguesa como L2 para alunos surdos em escolas regulares. Para tanto realizamos buscas sistemáticas de artigos que abordam a temática disponíveis nas bases: Scientific Electronic, (SciELO), Portal de Periódicos CAPES e Google Acadêmico.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), aproximadamente 9,7 milhões de brasileiros possuem deficiência auditiva, o que representa 5,1% da população do país. Destes, quase 1 milhão são crianças e jovens até 19 anos de idade (AMARO, 2017). Ou seja, são quase 1 milhão de surdos em idade escolar. Fato que ressalta a necessidade de discussões acerca da educação dos surdos e sobretudo como acontece o ensino da Língua Portuguesa, como L2, para alunos surdos na escola regular.

Diante do exposto, fica evidente a necessidade de refletir sobre a importância da Língua Portuguesa como L2 para o aluno surdo nas escolas regulares inclusivas. Ratificando a relevância deste estudo por expor as carências desse tema, além de contribuir com as discussões acerca da temática em estudo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1.A EDUCAÇÃO DE SURDOS: UM BREVE PERCURSO HISTÓRICO

Fazendo-se um apanhado histórico acerca da educação dos surdos no Brasil, nos deparamos com a importante figura de Dom Pedro II que teve uma participação fundamental no início dessa história em nosso país, visto que foi ele quem convidou o professor francês E. Huet a vir lecionar no Brasil. O professor convence D. Pedro II a criar o Instituto Imperial de Surdos-Mudos do Brasil, atualmente o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), fundado em 26 de setembro de 1857 (STROBEL, 2009).

Conforme Moraes e Ferreira (2016), o curso para educação dos surdos tinha duração de seis anos, sendo oferecido tanto a alunos do sexo masculino quanto feminino, na idade de sete a dezesseis anos. Desse modo, ocorreu o primeiro contato dos surdos brasileiros com a Língua de Sinais Francesa, trazida pelo professor E. Huet.

Entretanto, foi no Congresso de Milão, em 1880, em que um grupo de ouvintes conseguiu aprovar o Oralismo como método a ser adotado na educação de surdos em todos os países do mundo, ficando proibido, então, o uso da língua de sinais no ensino para os surdos. O método oralista de ensino para os surdos foi defendido por Alexander Graham Bell, que afirmava ser uma forma mais fácil de ensinar os surdos por meio da língua oral (GOLDFIELD, 1997). O Oralismo era uma abordagem que visava à integração da pessoa com surdez na comunidade ouvinte através do aprendizado da língua oral do país.

No início do século XX, surgem os primeiros insucessos do Oralismo, “os surdos não estavam preparados para nenhuma função, a não ser de sapateiros ou costureiros e tinham uma fala ininteligível” (SALLES, 2004, p. 49). Mesmo assim, o Oralismo continuou sendo adotado na educação de surdos até meados de 1960, quando William Stokoe publicou um artigo mostrando que as línguas de sinais tinham as mesmas características das línguas orais.

Conforme Quadros (1997), por volta do Século XX a maioria das escolas usava o método oral. Na época, a proposta oralista estava fundamentada na “recuperação” da pessoa surda, denominada deficiente auditivo. Sobre o fracasso do Oralismo, a mesma autora afirma que:

[...] o oralismo e a supressão do Sinal resultaram numa deterioração dramática das conquistas educacionais das crianças surdas e no grau de instrução do surdo em

geral. Muitos dos surdos hoje em dia são iletrados funcionais. Um estudo realizado pelo Colégio Gallaudet em 1972 revelou que o nível médio de leitura dos graduados surdos de dezoito anos em escolas secundárias nos Estados Unidos era equivalente a quarta série; outro estudo, efetuado pelo psicólogo britânico R. Conrad, indica uma situação similar na Inglaterra, com os estudantes surdos, por ocasião da graduação, lendo no nível de crianças de nove anos (QUADROS 1997, p. 22).

O insucesso da proposta oralista está relacionado ao fato desta corrente ter desconsiderado a língua de sinais e ter estabelecido como objetivo a aquisição da língua oral e a leitura labial em detrimento do desenvolvimento da pessoa com surdez. Neste sentido, Pires (2014, p. 989) afirma que:

[...] diante do fracasso do método oralista, pois ainda que aprendessem a oralizar, os surdos não se desenvolviam, nem linguisticamente, nem cognitivamente conforme o esperado, pesquisadores estadunidenses iniciaram os primeiros estudos relevantes, no contexto linguístico, sobre as línguas de sinais, especialmente a língua de sinais americana (ASL), nos anos 1960.

O fracasso do Oralismo associado a publicação da pesquisa do linguista norte-americano William Stokoe fez surgir a Comunicação Total que, assim como o Oralismo, tinha como objetivo principal ensinar a língua oral para os surdos. Entretanto, usava diferentes estratégias e ferramentas: a língua de sinais combinada com a língua oral, gestos, mímicas, leitura labial, enfim, qualquer recurso que colaborasse com o objetivo principal a utilização da língua oral (SCHELP, 2009). A Comunicação Total adotava todos os meios que facilitasse a comunicação, os quais tinham a finalidade de auxiliar a língua falada. Por esse motivo, a Comunicação Total foi considerada uma expansão do Oralismo (VIEIRA E MOLINA 2018).

A publicação de estudos linguísticos em diferentes países, conferindo as línguas de sinais o status de língua, embasou os movimentos sociais das comunidades surdas em busca de uma educação que respeite as diferenças linguísticas da pessoa com surdez, surgindo, então, o Bilinguismo. Quadros (1997, p. 27), define Bilinguismo como:

(...) uma proposta de ensino usada por escolas que se propõem a tornar acessível à criança duas línguas no contexto escolar. Os estudos têm apontado para essa proposta como sendo a mais adequada para o ensino das crianças surdas, tendo em vista que considera a língua de sinais como língua natural e parte desse pressuposto para o ensino da língua escrita.

Dessa forma, a educação bilíngue pode ser compreendida como a escolarização que respeita a especificidade linguística dos surdos e sua experiência visual como uma forma singular de ler e apreender o mundo, sem desconsiderar a necessidade da aprendizagem da língua oral do país na modalidade escrita.

1.2.O PAPEL DA LIBRAS PARA APRENDIZAGEM DO PORTUGUÊS COMO L2 PARA O ALUNO SURDO

Historicamente, as dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita do aluno surdo foram atribuídas a causas inerentes à surdez. No entanto, vários estudos indicam que essas dificuldades são decorrentes de uma educação deficiente, que não atende às suas demandas linguísticas, pois precisa ser moderada pela língua de sinais (SOUSA; PACHECO, 2018).

Semelhante ao que acontece com o ouvinte que usa sua primeira língua (L1), para o aprendizado de sua segunda língua (L2), o sujeito surdo baseia-se nos elementos da L1 para o entendimento da L2, aproximando-as e confrontando-as para a construção do significado e, conseqüentemente, do aprendizado. Ao tratar da relação entre a L1, L2 e multiletramentos para surdos, Nóbrega (2015, p. 50), ressalta que a língua de sinais:

[...] enquanto L1, assegura ao surdo, não só comunicação plena e o acesso a sua cultura, mas é essencial como modelo e parâmetro linguístico para a aprendizagem da L2, para, a partir daí, tais sujeitos se inserirem nas inúmeras práticas de multiletramentos que lhes permitirão uma melhor condição de vida, pois possibilitarão ao surdo o acesso, de modo mais efetivo, às informações que circulam na sociedade e, por conseguinte, mais oportunidades acadêmicas e profissionais peculiares às sociedades letradas.

No entanto, a maioria dos surdos chegam à escola sem a aquisição da Libras, sua L1. Ou seja, falta-lhes a solidez de um modelo linguístico como base para a aprendizagem da L2. Outro aspecto que merece destaque, mesmo para os surdos fluentes em Libras, é que, ao aprenderem a Língua Portuguesa, eles estão aprendendo uma L2 em uma modalidade diferente de sua L1.

A Libras, assim como as demais línguas de sinais, é uma língua de modalidade visuo-espacial e constitui, a partir de elementos visuais, os parâmetros formacionais ao invés de elementos sonoros, como as línguas orais. Desse modo, o conjunto de sinais assume significado como vocábulos, e, com isso, suas construções combinam sinais que expressam ideias mais completas e complexas (BARBOSA; BARTHOLOMEU, 2016).

A Libras, assim como a Língua Portuguesa, possui sua própria estrutura. Ou seja, tem uma gramática em seus diversos níveis - fonológico, morfológico, semântico, sintático e pragmático - (QUADROS E KARNOPP 2004). As pesquisadoras relatam que a diferença básica entre a língua de sinais e as línguas faladas/oralizadas diz respeito à estrutura.

A inclusão de alunos surdos na escola regular implica em muitos desafios a serem vencidos. Dentre os quais destacamos a capacitação de professores que precisam conhecer a especificidade linguística do surdo e suas implicações para que possam desenvolver e ministrar aula para os alunos surdos de forma adequada. Em se tratando de professores de Língua Portuguesa, estes precisam estar capacitados para o ensino do Português como L2 para surdos conforme assegurado na alínea 'c' do parágrafo primeiro, Art. 14 do Decreto 5.626/2005.

1.3. A EDUCAÇÃO BILÍNGUE E A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DO PORTUGUÊS COMO L2 PARA SURDOS

O Decreto nº 5.626/05 dispõe sobre os processos educacionais específicos das pessoas surdas e outras garantias. Ressalta a necessidade de implantação da educação bilíngue para esses alunos com intuito que essa proposta seja efetivada, estabelecendo como deve ser a formação dos profissionais para atuarem junto a esses educandos. A divergência entre as particularidades dos alunos surdos e dos demais estudantes ouvintes traz uma marca histórica de luta e conquistas dos direitos linguísticos dos surdos com intuito à inclusão social.

Sabemos que os surdos fazem parte de uma minoria linguístico-cultural que utiliza a Libras como L1. Diversas pesquisas realizadas e a própria comunidade surda apontam a Educação Bilíngue como uma das propostas de ensino mais adequada para os alunos surdos (QUADROS, 1997; GHIZZO NETO; MORI, 2012).

Sobre a Educação Bilíngue, Quadros (1997, p. 27) relata:

[...] essa filosofia de ensino é usada por escolas que se propõem a tornar acessível à criança duas línguas no contexto escolar, uma vez que considera a língua de sinais como língua natural e parte desse pressuposto para o ensino da língua escrita.

Porém, Barbosa e Bartholomeu (2016) relatam que a implementação da proposta de Educação Bilíngue nas escolas regulares não é uma tarefa fácil, visto que envolve problemas complexos, o que implica em mudanças de concepção e reorganização nas formas de atendimento da condição bilíngue da criança surda em várias esferas institucionais, como, por exemplo, a família e a escola.

No entanto, sobre este tema tão importante para os sujeitos surdos, Ferraz (2011, p. 146), afirma que:

[...] não há disponível, em escolas de ensino regular, material específico para o ensino de português escrito para surdos, modalidade da linguagem que deve ser o foco para esse público alvo. Neste sentido, os professores veem-se na tarefa de ensinar o português para turmas de aluno(a)s ouvintes e surdo(a)s em uma perspectiva homogênea, sem ter como levar em conta as necessidades específicas de um público alvo que precisa do português como segunda língua (L2).

Desse modo, podemos compreender que uma das principais mudanças que devem ser realizadas nas escolas está relacionada à formação contínua dos professores de Língua Portuguesa e aos materiais didáticos que precisam levar em consideração as especificidades

dos alunos surdos e a modalidade de ensino de segunda língua. Diante deste cenário, observa-se que o ensino do Português como L2 para surdos fica à mercê de iniciativas de professores da área que buscam adequar suas práticas às múltiplas realidades encontradas em suas salas de aula.

O ensino da Língua Portuguesa como L2 para os surdos deve atentar para a experiência visual do surdo e para a diferenciação da estrutura linguística das duas línguas, bem como as formas de convivência, os espaços comuns de uso e de circulação da Língua Portuguesa e as interações cotidianas (GEDIEL *et al.*, 2012). Esta problemática está centrada na forma como essas experiências são construídas, devido aos surdos necessitarem do domínio linguístico da Libras e da Língua Portuguesa para que ocorra uma interação efetiva em sociedade.

Neste sentido, Silva (2017), pesquisando sobre o desempenho linguístico de alunos surdos, observou algumas dificuldades no emprego de regras da construção do Português, constatando que tais empecilhos não devem ser considerados como próprios do surdo, mas sim de um falante que, privado do contato linguístico, reflete as mesmas dificuldades expostas por um ouvinte com outra língua.

Nessa mesma perspectiva, Chaves e Rosa (2014, p.10) afirmam que:

[...] o aprendizado da língua portuguesa escrita pelo surdo é dificultado devido às metodologias de ensino apresentarem como ponto de partida a escrita associada ao grafema-fonema e, algumas vezes, ser instruída de forma descontextualizada e mecânica. Essa concepção, de acordo com o autor, torna-se difícil à criação de uma proposta mais efetiva para o ensino da língua portuguesa escrita, deixando o surdo restrito ao pouco que possa se ampliar em relação à sua grande potencialidade para a escrita.

Portanto, é imprescindível que o ensino do Português como L2 para surdo seja pautado em situações reais do uso da língua e no modo visual de apreender o mundo inerente às pessoas com surdez.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza bibliográfica exploratória desenvolvida a partir de uma revisão de literatura sobre estudos científicos relacionados ao tema “A importância da Língua Portuguesa como (L2) para o aluno surdo na escola regular.”

Conforme Godoi e Balsini (2006), este tipo de pesquisa consiste num estudo exploratório por se desenvolver por meio de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, partindo de um material já elaborado para estudo.

1.4. OBJETIVOS

1.4.1. Geral

Discutir a importância do ensino da Língua Portuguesa como segunda língua (L2) para formação do aluno surdo.

1.4.2. Específicos

Conhecer o papel da Libras como língua instrucional para o ensino do Português como L2 para o aluno surdo;

Identificar a importância do Português como L2 para os surdos no contexto inclusivo das escolas regulares.

1.5. *Corpus* da pesquisa

O estudo foi realizado a partir de um levantamento de estudos que abordam a temática do ensino de Língua Portuguesa como L2 para alunos surdos. No primeiro momento foi realizada uma busca sistemática nas bases de dados: Scientific Electronic, (SciELO), Portal de Periódicos CAPES, Google Acadêmico e a Biblioteca Brasileira de Dissertações e Teses por meio de uma busca avançada a qual foram combinados alguns termos: “Ensino da língua portuguesa para surdos”, “português e alunos surdos”.

Com as buscas foram localizados inicialmente 70 artigos. Destes, 45 foram descartados após leitura do resumo. Restando 25 estudos que foram fichados e serviram de base para o presente artigo.

Os 25 estudos que constituíram o *corpus* desta pesquisa são classificados em: 20 artigos; 04 teses de doutoramento e 01 livro. Foram localizados nas seguintes plataformas:

04 na SciELO, 07 no Portal de Periódicos CAPES, 10 no Google Acadêmico, e 04 na Biblioteca Brasileira de Dissertações e Teses.

Quanto à cronologia do acervo bibliográfico pesquisado, 13 foram produzidos nos últimos cinco anos - no período de 2015 a 2020; entre 2011 e 2014 foram identificados 08 trabalhos acadêmicos; já os outros 05 estudos foram publicados entre o período de 2003 e 2009, conforme demonstrado no Quadro 1.

QUADRO 1 – corpus da Pesquisa - Trabalhos Acadêmicos

Nº	Título	Autor	Palavras chaves	Base de Dados \ Ano	Natureza do Trabalho
1.	O ensino da língua portuguesa com os alunos surdos da Escola Estadual Profº Gabriel Almeida Café, na cidade de Macapá	Anne Carolina Pacheco de Sousa Mery Cristiane Batista Pacheco	Educação bilíngue. Alunos surdos. Ensino da Língua Portuguesa como L2.	Artigo . Littera Online , v. 9, Edição Especial, p. 358-369, 2018. http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view/10108	ARTIGO
2.	O Português Como Segunda Língua dos Surdos Brasileiros: uma apresentação panorâmica	Giselli Mara da SILVA – FALE-UFMG	Português como segunda língua; surdos; Libras; educação bilíngue.	(Artigo de Revista) REVISTA X, Curitiba, volume 12, n.2, p. 130 - 150, 2017. http://dx.doi.org/10.5380/rvx.v12i2.51140	ARTIGO
3.	Impacto social da acessibilização de conteúdos audiovisuais produzidos no Rio Grande do Sul para atender pessoas com deficiência auditiva e surdos usuários de Libras.	AMARO, D Niruana Satie	Acessibilidade; audiovisual; leis de fomento à cultura; Libras; surdez.	Quase 10 milhões de brasileiros possuem deficiência auditiva . Edição Brasil, 2017. Disponível em: https://edicaodobrasil.com.br/2017/06/08/quase-10-milhoes-de-brasileiros-possuem-deficiencia-auditiva/	ARTIGO
4.	Português Como Segunda Língua Para Surdos: Relato de experiência com o gênero convite junto a alunos da edac.	Elaine da Silva Reis.	Surdo, Português, Convite.	Artigo II CINTEDI II Congresso Internacional de Educação Inclusiva.2016 https://www.editorarealize.com.br/editora/analisis/cintedi/2016/TRABALHO_EV060_MD1_SA7_ID2535_12102016055243.pdf	ARTIGO
5.	Navegando no Universo Surdo: a multimodalidade a favor do ensino de português como segunda língua em um curso ead	Eva dos Reis Araújo Barbosa	Educação a Distância; Educação de Surdos; Ensino de Português como Segunda Língua; Multimodalidade; Novas Tecnologias de Informação e Comunicação.	Revista virtual de cultura surda , v. 17, p. 1-31, 2016. http://hdl.handle.net/1843/RMSA-AHVLT3	ARTIGO
6.	Ensino de Língua Portuguesa Para Surdos: revisão dos métodos e proposta de unidade didática para o ensino de leitura e escrita.	Fernanda Beatriz Caricari Morais, Hellen Ferreira	Língua Portuguesa como Segunda Língua para Surdos; Métodos de Ensino; Aprendizagem de Línguas	Linguagens & Cidadania , v. 18, p. 1-21, 2016. https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/L Artigo: Periódicos Linguagem e Cidadania.	ARTIGO

7.	O Ensino do Português Como Segunda Língua Para Surdos: estratégias didáticas.	Djair Lázaro de Almeida, Glaucia Ferreira Dias dos Santos, Cristina Broglia Feitosa de Lacerda.	Língua Portuguesa para Surdos; Estratégia Didática; Abordagem Bilíngue	Revista: Reflexão e Ação, ano 2015. http://dx.doi.org/10.17058/rea.v23i3.6033	ARTIGO
8.	Ensino-Aprendizagem de Ciências Destinado ao Aluno Surdo: legislação, linguagem e sugestões metodológicas	Janaína Aparecida Silva Bassani, Flomar Ambrosina Oliveira Chagas, Kelly Cristine Ferreira Prado Duarte, Layanne Barbosa Pazzinato, Viviane Ferreira Furtado	Ensino de ciências; linguagem; sugestões metodológicas.	Artigo XII Semana de Licenciatura III Seminário de Pós-Graduação em Educação para Ciências e Matemática I Encontro de Egressos do Mestrado A formação docente em Ciência, Tecnologia, Sociedade e Educação Ambiental Jataí, GO – 13 a 16 de outubro de 2015. Artigo: Anais da Semana de Licenciatura, 2015 http://w2.ifg.edu.br/jatai/semlic/seer/index.php/anais/article/view/406/pdf_138	ARTIGO
9.	Língua Brasileira De Sinais - Libras, Língua Natural Do Sujeito Surdo	Ferreira, Luísa Bischof Justus	LIBRAS. Língua Natural. Surdo, Bilíngue.	FERREIRA, Luísa Bischof Justus. Língua Brasileira de Sinais - Libras, Língua Natural do Sujeito Surdo. IN: EDUCERE XII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. 7, 2015. PUCPR. Anais...Paraná, 2015, 22086-2204. https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18948_8134.pdf	ARTIGO
10.	O português na modalidade escrita como segunda língua para surdos: um estudo sobre o uso dos conectivos	Gabriela de Moraes Chaves Emiliania Faria Rosa	Libras; Conectivos; Ensino-aprendizagem.	CHAVES, G. M.; ROSA, E. F. O português na modalidade escrita como segunda língua para surdos: um estudo sobre o uso dos conectivos. Revista Acadêmica de Letras-Português , v. 1, n.2, p. 18-30, 2012/2014. https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/uox/article/view/1474	ARTIGO
11.	A aprendizagem coletiva de língua portuguesa para surdos através das interações em língua de sinais	Vanessa de Oliveira Dagostim Pires	Andamento coletivo, Língua portuguesa para surdos, Educação de surdos, Sociointeracionismo.	Artigo: Portal Scielo Universidade do Vale do Rio dos Sinos São Leopoldo – Rio Grande do Sul / Brasil. 2014 https://www.scielo.br/pdf/rbla/v14n4/aop5914.pdf	ARTIGO
12.	O ensino de português como segunda língua para surdos: princípios teóricos e metodológicos.	Maria Cristina da Cunha Pereira.	Surdez; linguagem e surdez; aprendizagem de segunda língua.	Artigo Educ. rev. [online]. 2014, n.spe-2, pp.143-157. ISSN 0104-4060. http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.37236 .	ARTIGO
13.	A aprendizagem coletiva de língua portuguesa para surdos através das interações em língua de sinais.	Vanessa de Oliveira Dagostim Pires	Andamento coletivo, Língua portuguesa para surdos, Educação de surdos, Sociointeracionismo.	RBLA, Belo Horizonte, v. 14, n. 4, p. 987-1014, 2014. http://www.letras.ufmg.br/padroao_cms/documentos/eventos/portuguesl2surdos/PIRES_2014.pdf	ARTIGO
14.	Educação bilíngue para surdos e inclusão segundo a Política Nacional de Educação Especial e o Decreto nº 5.626/05.	Ana Claudia Balieiro Lodi	Educação bilíngue para surdos - Inclusão - Política de Educação Especial - Decreto nº 5.626/05	Artigo Scielo: Educação e Pesquisa ISSN 1517-9702 Educ. Pesqui. vol.39 no.1 São Paulo Jan./Mar. 2013. https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022013000100004&script=sci_arttext&tln_g=pt	ARTIGO
15.	Ensino da língua portuguesa como segunda língua para jovens e adultos surdos: relato de uma experiência.	Ana Luísa Borba Gediél	Libras	Revista Escrita Rua Marquês de São Vicente, 225 Gávea/RJ CEP 22453-900 Brasil Ano 2012. Número 15. ISSN 1679-6888. escrita@puc-rio.br https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/20861/20861.PDF	ARTIGO

16.	Letramento e alunos surdos: práticas pedagógicas em escola inclusiva. In: Congresso Nacional de Educação	Patrícia Paula Schelp.	Letramento. Surdez. Práticas pedagógicas. Inclusão.	(Artigo de Revista) IX Congresso Nacional de Educação- EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. EDUCERE IX, 2009, PUC/Pr. Anais. Curitiba: 2009.p. 3036-3047. https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/2923_1369.pdf	ARTIGO
17.	O papel do outro na escrita de sujeitos surdos.	Ana Cristina Guarinello.	leitura; escrita; surdez; fonoaudiologia	Artigo GUARINELLO, Ana Cristina. O papel do outro na escrita de sujeitos surdos. São Paulo: Plexus, 2007. https://revistas.pucsp.br/dic/article/view/11719	ARTIGO
18.	Algumas considerações sobre a interface entre a língua brasileira de sinais (Libras) e a língua portuguesa na construção inicial da escrita pela criança surda.	Renata Castelo Peixoto	Surdez. Psicogênese da escrita. Língua de sinais.	Revista Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 69, p. 205-229, maio/ago. 2006. Disponível em https://www.scielo.br/pdf/ccedes/v26n69/a06v2669.pdf	ARTIGO
19.	Ensino da língua portuguesa como segunda língua para jovens e adultos surdos: relato de uma experiência.	Ana Luísa Borba Gediel	Libras	Revista Escrita Rua Marquês de São Vicente, 225 Gávea/RJ CEP 22453-900 Brasil Ano 2012. Número 15. ISSN 1679-6888. escrita@puc-rio.br https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/20861/20861.PDF	ARTIGO
20.	O ensino da língua portuguesa com os alunos surdos da Escola Estadual Prof ^o Gabriel Almeida Café, na cidade de Macapá	Anne Carolina Pacheco de Sousa1 Mery Cristiane Batista Pacheco	Educação bilíngue. Alunos surdos. Ensino da Língua Portuguesa como L2.	Artigo . Littera Online , v. 9, Edição Especial, p. 358-369, 2018. http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view/10108	ARTIGO
21.	Os Mecanismos de Coesão Gramatical e Lexical Em Língua Brasileira de Sinais (Libras)	Charley Pereira Soares	Linguística textual, coesão textual, Libras e tipologia textual.	(Tese doutorado) Universidade Federal De Santa Catarina Centro De Comunicação E Expressão Programa Pós-Graduação Em Linguística. 2020 https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/220479	TESE
22.	Português como segunda língua para surdos: a escrita construída em situações de interação mediadas pela Libras.	Djair Lázaro de Almeida	Língua Portuguesa para surdos, abordagem bilíngue, interação.	(Tese em Educação Especial) Universidade Federal de São Carlos Centro de Educação e Ciências Humanas Programa de Pós-Graduação em Educação Especial. 2016 https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/8756/TeseDLA.pdf?sequence=1&isAllowed=y	TESE
23.	A Multimodalidade no Ensino de Português como Segunda Língua: novas perspectivas discursivas críticas.	Janaína de Aquino Ferraz	Multimodalidade, segunda língua, mídias e discurso.	Tese (doutorado)—Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2011. https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/10401/1/2011_JanainaDeAquinoFerraz.pdf	TESE
24.	Educação bilíngue para surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios.	Sueli de Fátima de Fátima Fernandes.	Surdez, educação bilíngue, português como segunda língua, práticas de Letramento; políticas públicas.	Curitiba, 2003, Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal do Paraná. https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24287/T%20-%20FERNANDES,%20SUELI%20DE%20FATIMA%20.pdf?sequence=1	TESE

25.	Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a Prática pedagógica.	Heloisa Maria Moreira Lima Salles	Educação especial, Educação dos surdos, Ensino da língua portuguesa	Brasília : MEC, SEESP, 2004. 2 v. il. (Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos) http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/1pv012.pdf	LIVRO
-----	--	-----------------------------------	---	---	-------

Fonte: própria autora

DISCUSSÃO

De acordo com Quadros (1997), a proposta de ensino mais adequada para os alunos surdos é a Educação Bilíngue. Essa concepção de ensino é usada por escolas que se propõem a tornar acessível à criança surda as duas línguas. Com isso, essas escolas buscam atender ao Decreto Federal 5.626 de 22 de dezembro de 2005, o qual instituiu em seu Artigo 22 que os alunos surdos devem ser incluídos através da organização de:

I - escolas e classes de educação bilíngue, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngues, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;

II - escolas bilíngues ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, **com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade linguística dos alunos surdos**, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa (BRASIL, 2005, p. 1 – grifo nosso).

Destacamos a garantia legal que os estudantes surdos têm de acessarem a uma educação bilíngue. No entanto, questionamos como efetiva-la nas escolas regulares se as pessoas que constituem a comunidade escolar não conhecem a Libras?

Ao compararmos o que garante a legislação com as realidades apresentadas nos estudos analisados, observa-se a não efetivação das garantias legais quanto ao funcionamento de salas e escolas bilíngues. Tal percepção pode ser apreendida a partir dos estudos de Sousa e Pacheco (2018), que ao desenvolver uma pesquisa com alunos surdos do Ensino Médio, constataram que:

[...] os alunos não conseguem interpretar comandos simples, pois não reconhecem algumas palavras o que dificultou a compreensão dos enunciados. A culpa dessa ausência de conhecimento não é devido a surdez e sim na aquisição da aprendizagem da Língua Portuguesa na modalidade escrita, que se fez deficiente durante todo o ensino infantil e fundamental do educando (SOUSA E PACHECO, 2018, p. 368).

A pesquisa desenvolvida por Chaves e Rosa (2014, p.28), constatou que, “pela falta de intérprete na sala do aluno do sexto ano e pelo professor não possuir conhecimento sobre a LS, este aluno possivelmente não entendeu a proposta textual dada pelo professor e consequentemente não produziu o texto.” Na sequência as autoras acrescentam que:

[...]é necessário repensar nas condições que vêm sendo oferecidas ao aluno surdo no seu processo de ensino a aprendizagem da escrita para que assim esse processo tenha êxito. Por fim, salienta-se a necessidade de colocar o discurso da verdadeira inclusão em prática, no qual a escola, os professores e a família se unam para que o aluno seja realmente incluído na sala de aula e que se foque na aprendizagem do aluno, buscando metodologias para seu aprendizado e não apenas para uma decodificação da língua portuguesa na modalidade escrita (CHAVES E ROSA, 2014, p.29).

Entendemos que a efetivação de escolas e salas bilíngues, asseguradas na legislação, passa pela implementação de uma política educacional de formação continuada que aborde a singularidade linguística e cultural do estudante surdo para docentes e demais técnicos que atuam na escola.

Ainda sobre o processo da educação bilíngue para alunos surdos, Carvalho (2019 *et al.*, p.7) destaca que:

[...] a educação bilíngue para surdos se caracteriza, na atualidade, como a filosofia educacional mais adequada, tendo em vista que respeita a condição da pessoa surda e sua experiência visual como constituidora de cultura singular, sem, contudo, desconsiderar a necessária aprendizagem escolar do português. Demanda o desenho de uma política linguística que defina a participação das duas línguas na escola em todo o processo de escolarização de forma a conferir legitimidade e prestígio da Libras como língua curricular e constituidora da pessoa surda. A apropriação desse artefato cultural se faz importante para esses sujeitos, uma vez que possibilita o acesso aos saberes historicamente construídos pela humanidade.

Destacamos o importante papel da escola bilíngue para surdos, apresentados pelos autores, enquanto espaço indispensável à formação e desenvolvimento humano da pessoa com surdez, visto que a escola representa um dos espaços que possibilita o estabelecimento das relações sociais, além de disponibilizar o acesso aos conhecimentos sistematizados, processo cultural e historicamente produzido pela humanidade.

A adoção do bilinguismo estabelecerá a opção mais eficaz para otimizar o desenvolvimento cognitivo, linguístico e social das crianças surdas, uma vez que a Libras será usada como L1, a língua instrucional, e a Língua Portuguesa, na modalidade escrita, como L2, devendo separar-se o uso das duas línguas para evitar modificações por uso simultâneo.

Portanto, o reconhecimento da educação bilíngue como alternativa para a formação humana do aluno surdo é compreender que a linguagem permite uma extrema relevância no processo de formação do pensamento desses sujeitos (GHIZZO NETO; MORI, 2012). Assim, a educação dos surdos, em sua especificidade, precisa ser encarada a partir de ações

voltadas para mudanças na concepção de língua e linguagem adotada no ensino de Língua Portuguesa como L2 (ALMEIDA, 2016).

Cabe destacar que a aprendizagem da Língua Portuguesa ocorre na modalidade escrita, sendo que os pesquisadores buscam esclarecer os aspectos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem do Português escrito para surdos e, desse modo, contribuir para diminuir as barreiras linguísticas existentes.

No entanto, Chaves e Rosa (2014, p.23), afirmam que

[...] os textos de alunos surdos possuem normalmente enunciados curtos, vocabulário reduzido, ausência de artigos, de preposições, de concordância nominal e verbal, uso reduzido de diferentes tempos verbais, ausência de conectivos (conjunções, pronomes relativos e outros), falta de afixos e verbos de ligação, além de uma suposta colocação aleatória de constituintes na oração. Esse processo é devido ao fato de os surdos se encontrarem em estágios do processo de ensino-aprendizagem de uma segunda língua, no caso o português, e porque “a língua que o surdo tem como legítima e usa não é a mesma que serve como base ao sistema escrito, por ser um sistema visuomanual, portanto muito diferente do oral-auditivo.” (SILVA, 2001, p. 48). E ainda por muitas vezes ocorrer a falta de metodologias para o ensino do português como segunda língua para surdos.

Frente a isto, a Língua Portuguesa na forma escrita atua para os surdos como L2, e, dessa forma, é natural e compreensível que, durante a escrita do Português, os alunos surdos sejam influenciados pela estrutura de sua L1.

Sendo assim, um dos grandes desafios do ensino e aprendizado da Língua Portuguesa, na forma escrita para alunos surdos, está relacionado à superação de metodologias inadequadas que não conseguem atender as necessidades pedagógicas dos alunos ouvintes.

O ensino do Português, na modalidade escrita para alunos surdos, deve ser desenvolvido considerando a metodologia de ensino de segunda língua (L2), semelhante ao ensino de uma língua estrangeira, porém, considerando as peculiaridades de uma língua visuo-espacial. Nesse sentido, Peixoto (2006, p. 209) afirma que:

[...] a condição de segunda língua que o Português tem na vida do surdo promove nesse sujeito um estranhamento semelhante ao que nós, ouvintes, temos quando nos deparamos com uma língua estrangeira. Interpretar ou produzir uma escrita estranha à própria língua confronta nossa organização de linguagem e nosso conhecimento gramatical, exigindo uma produção de novas significações que só conseguiremos construir tendo como base a nossa língua materna.

Dessa forma, a Língua Portuguesa para os surdos “constitui um conjunto de signos visuais materializados na escrita” (FERNANDES, 2008, p.13). Contudo, o desempenho acadêmico e social esperado do estudante surdo só pode ser alcançado se no espaço escolar for contemplada sua condição linguística e cultural e, portanto, se a língua de sinais estiver presente (SCHELP 2009).

É inegável que o aprendizado do Português como L2 para os sujeitos surdos no Brasil assume uma função extremamente importante: a de facilitar a interação entre surdos e ouvintes. Entretanto, a necessidade de aprender a Língua Portuguesa escrita extrapola a tal necessidade. Diz respeito ao direito de participar do mundo letrado enquanto sujeito com opções de escolhas. Nesse sentido, Nóbrega (2015, p. 50) ressalta que a língua de sinais:

[...] enquanto L1, assegura ao surdo, não só comunicação plena e o acesso a sua cultura, mas é essencial como modelo e parâmetro linguístico para a aprendizagem da L2, para, a partir daí, tais sujeitos se inserirem nas inúmeras práticas de multiletramentos que lhes permitirão uma melhor condição de vida, pois possibilitarão ao surdo o acesso, de modo mais efetivo, às informações que circulam na sociedade e, por conseguinte, mais oportunidades acadêmicas e profissionais peculiares às sociedades letradas.

A autora apresenta a língua de sinais enquanto artefato estruturante para a aprendizagem da L2 e ressalta a importância da aprendizagem da L2 como elemento indispensável às práticas multiletradas.

Dessa forma, o ensino da Língua Portuguesa escrita para alunos surdos tem sido uma preocupação constante por parte dos educadores. Esta preocupação não está baseada apenas nas dificuldades de aprendizagem destes alunos, mas, principalmente, na diferenciação da estrutura linguística das duas línguas - a Libras e o Português - e no processo de aquisição e aprendizagem vivenciadas pelos alunos surdos (CARVALHO *et al.*, 2019). Alguns aspectos parecem nortear estas situações, como por exemplo, as formas de convivência, interações cotidianas, espaços comuns de uso e de circulação da Língua Portuguesa (CHAVES; ROSA, 2014; GEDIEL *et al.*, 2012). A forma como estas experiências são construídas e abordadas tem reflexo direto sobre o aprendizado dos alunos surdos, pois eles necessitam do domínio linguístico de ambas as línguas para que possam interagir efetivamente em sociedade.

Desta forma, as pesquisas acerca do ensino de Língua Portuguesa como L2 para surdos são extremamente importantes, pois além de ampliar o conhecimento nesta área, possibilita

também que ao pesquisador compreenda melhor questões inerentes à natureza da linguagem, da aprendizagem humana e à comunicação (ALMEIDA *et al.*, 2015; BARBOSA; BARTHOLOMEU, 2016; CARVALHO *et al.*, 2019; GEDIEL *et al.*, 2012; PEREIRA, 2014; SILVA, 2017).

Tais reflexões mostram a necessidade de diretrizes norteadoras para o ensino do Português como L2 para surdos. Ademais, se faz necessário a implantação de políticas de formação continuada para a promoção de professores na área de ensino do Português como L2 para surdos, bem como no aprendizado da Libras, garantindo aos docentes conhecimentos básicos em Libras que os permitam se comunicar com os alunos surdos e pensar suas práticas pedagógicas considerando as especificidades linguísticas da pessoa com surdez.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como propósito principal discutir a importância do ensino da Língua Portuguesa como L2 para a formação do aluno surdo. Os resultados denotam que, devido às necessidades sociais, é indispensável que o surdo aprenda a língua majoritária como L2, na modalidade escrita, da sociedade na qual está inserido. No caso do Brasil, o Português.

Ficou evidente, a partir dos artigos analisados, que a escola bilíngue representa a proposta que melhor atende às necessidades educacionais dos estudantes surdos, uma vez que a vivência escolar é fundamental para a formação e o desenvolvimento do sujeito, pois a escola consiste em um espaço que permite a relação social, além de possibilitar o conhecimento sistematizado.

O estudo também evidenciou que as pesquisas analisadas, de uma forma geral, apresentam contribuições importantes para melhorar o ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos, visto que oferecem uma compreensão desta temática por diferentes ângulos e, conseqüentemente, nos dão uma noção da dimensão dos aspectos que envolvem esse processo de ensino do Português como L2 para surdos.

Portanto, é extremamente importante que o professor tenha conhecimento da língua de sinais, pois facilita no esclarecimento dos comandos e a comunicação com os estudantes surdos, pois sabemos que o processo de inclusão dos surdos na escola requer, por parte dos docentes, práticas educativas que apontam para qualidade das relações estabelecidas no espaço escolar. O domínio e o uso da Língua de Sinais pelos professores e intérpretes é condição necessária, porém não suficiente para que a inclusão seja bem-sucedida. É necessário o envolvimento de toda a comunidade escolar no processo de ensino, a equipe técnica, gestores, professores, pais e os alunos. Nesse sentido, em vez de focar a deficiência do aluno, o projeto pedagógico e as estratégias de sala de aula devem salientar o ensino, utilizando recursos e metodologias adequadas para dar assistência apropriada às diversidades existentes na sala de aula regular. Destacamos a fundamental atuação do professor bilíngue e do intérprete no processo de inclusão do aluno surdo na escola regular, já que todos têm legalmente o direito a uma educação bilíngue.

Entretanto, ficou claro também, que apesar das garantias legais da inclusão do aluno surdo através de escolas e/ou salas de aula bilíngues, não há aporte didático-pedagógico para

o docente da sala de aula regular que recebe alunos com surdez. Frente a essa realidade, o presente estudo chama atenção para a necessidade de cursos de formação continuada para o ensino do Português como L2 e aprendizado de Libras, bem como de diretrizes nacionais que norteiam o ensino do Português como L2 para surdos e a produção de livros didáticos da Língua Portuguesa como L2 para surdos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. L. Português como segunda língua para surdos: a escrita construída em situações de interação mediadas pela Libras. 2016. 244 f. **Tese (Doutorado em Educação Especial)** – Universidade de São Carlos, São Carlos – SP.

ALMEIDA, D. L.; SANTOS, G. F. D.; LACERDA, C. B. F. O ensino do português como segunda língua para surdos: estratégias didáticas. **Revista Reflexão e Ação**, v. 23, n. 3, p. 30- 57, 2015.

AMARO, D. **Quase 10 milhões de brasileiros possuem deficiência auditiva**. Edição Brasil, 2017. Disponível em: <https://edicaodobrasil.com.br/2017/06/08/quase-10-milhoes-de-brasileiros-possuem-deficiencia-auditiva/>. Acesso em agosto de 2019.

BARBOSA, E. R. A.; BARTHOLOMEU, I. C. S. Ensino de português como segunda língua: análise dos aspectos gráfico-editoriais de uma unidade didática voltada a alunos surdos. **Revista virtual de cultura surda**, v. 17, p. 1-31, 2016.

BRASIL. Decreto 5626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.

CARVALHO, M. E.; CAVALCANTI, W. M. A.; SILVA, J. A. Ensino de Língua Portuguesa para surdos: uma revisão integrativa da literatura. **Revista CEFAC**, v. 21, v.5, p. 1-11, 2019.

CHAVES, G. M.; ROSA, E. F. O português na modalidade escrita como segunda língua para surdos: um estudo sobre o uso dos conectivos. **Revista Acadêmica de Letras-Português**, v. 1, n.2, p. 18-30, 2014.

FERNANDES, S. **Educação bilíngue para surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios**. Curitiba, 2003, Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal do Paraná.

FERNANDES, S. **Letramentos na Educação Bilíngüe para Surdos: Caminhos para a Prática Pedagógica**. 2008. Disponível em: <<http://alex.pro.br/libras3.pdf>>. Acesso em 21 de junho de 2021.

FERRAZ, J. A. **A multimodalidade no ensino de Português como segunda língua: novas perspectivas discursivas críticas**. 2011. 200 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília - DF.

GEDIEL, A. L. B.; VALADÃO, M. N.; GONÇALVES, R. A.; ANDRADE, M. C. F.; COSTA, E. M. A. Ensino da língua portuguesa como segunda língua para jovens e adultos surdos: relato de uma experiência. **Revista Escrita**, v. 15, p. 1-14, 2012.

GODOI, C.K.; BALSINI, C.P.V. **Pesquisa qualitativa nos estudos organizacionais brasileiros: uma análise bibliométrica.** In: SILVA, A.B. (org) Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

GHIZZO NETO, D.; MORI, N. N. R. A importância do bilinguismo na formação humana do aluno surdo: a teoria histórico-cultural e suas contribuições. **IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**, 2012.

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio interacionista**, 2 ed. Plexus, São Paulo, 1997.

GUARINELLO, Ana Cristina. O papel do outro na escrita de sujeitos surdos. São Paulo: Plexus, 2007.

LACERDA, C. B. F.; LODI, A. C. B. **A inclusão escolar bilíngue de alunos surdos: princípios, breve histórico e perspectivas.** In: LODI, A. C. B e LACERDA, C. B. F. Uma escola duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização. Porto Alegre: Editora Mediação, 2009. p.11-32.

MORAIS, F. B. C.; FERREIRA, H. Ensino de língua portuguesa para surdos: revisão dos métodos e proposta de unidade didática para o ensino de leitura e escrita. **Linguagens & Cidadania**, v. 18, p. 1-21, 2016.

NÓBREGA, ANA MARIA ZULEMA PINTO CABRAL DA. **Libras, prá que te quero? A apropriação dos multiletramentos por alunos surdos do Letras/Libras.** DISSERTAÇÃO (Mestrado em Ciências da Linguagem) - RECIFE – PE. 2015. Disponível em: <<http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/812>> acesso em 11 de janeiro de 2021 às 9:45min.

PEIXOTO, R. C. Algumas considerações sobre a interface entre a língua brasileira de sinais (Libras) e a língua portuguesa na construção inicial da escrita pela criança surda. **Cadernos Cedex**, v. 26, n. 69, p. 205-229, 2006.

PEREIRA, M. C. C. O ensino de português como segunda língua para surdos: princípios teóricos e metodológicos. **Educar em Revista**, Edição Especial n.2, p. 143-157, 2014.

PIRES, V. O. D. A aprendizagem coletiva de língua portuguesa para surdos através das interações em língua de sinais. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 14, n. 4, p. 987-1014, 2014.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, R.; KARNOPP, L. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2006. SILVA, G. M. O português como segunda língua dos surdos brasileiros: uma apresentação panorâmica. **Revista X**, v. 12, n. 2, p. 130-150, 2017.

SALLES, H. M. M. L. *et al.* **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica.** Brasília: MEC, SEESP, v. 2, 2004.

SILVA, M. P. M. **A construção de sentidos na escrita do aluno surdo.** São Paulo: Plexus. 2001.

SCHELP, Patrícia Paula. **Letramento e alunos surdos: práticas pedagógicas em escola inclusiva.** In: **Congresso Nacional de Educação - EDUCERE IX**, 2009, PUC/Pr. Anais. Curitiba: 2009.p. 3036-3047.

SOUSA, A. C. P.; PACHECO, M. C. B. O ensino da língua portuguesa com os alunos surdos da Escola Estadual Profº Gabriel Almeida Café, na cidade de Macapá – AP. **Littera Online**, v. 9, Edição Especial, p. 358-369, 2018.

VIEIRA, Claudia Regina; MOLINA, Karina Soledad Maldonado. **Prática pedagógica na educação de surdos:** o entrelaçamento das abordagens no contexto escolar. *Educ. Pesqui.* São Paulo, vol.44, 2018 Epub Dec 03, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022018000100503.> Acesso em: 10 dez. de 2020.